

Inácio: “Os escritos dessa diferencial criatura humana nada mais são do que a imagem ridícula de um sagüi, domesticado pela mais devassa meretriz das ruas de Maceió”. A *Atualidade*, órgão liberal, havia definido, aliás, em 1861, o programa de Caxias na chefia do Gabinete: “Isto não é um programa, é mistificação; não é definir política, é escarnecer do país”, em seu número de 11 de maio. Se o tom melhor de jornalismo literário é dado por Machado de Assis, em 1866, quando faz a crítica de *Iracema*, de José de Alencar, ou quando, em 1868, este lhe apresenta Castro Alves, em carta famosa e logo respondida, o tom político melhor é fornecido ainda por Alencar, em 1865, quando, durante três meses, publica as “Cartas ao Imperador”, assinadas por Erasmo.

Se a parte mais numerosa do público era constituída pelas moças casadouras e pelos estudantes, e o tema literário por excelência devia ser, por isso mesmo, o do casamento, misturado um pouco com o velho motivo do amor, a imprensa e a literatura, casadas estreitamente então, seriam levadas a atender a essa solicitação premente. A mulher começava a libertar-se, pouco a pouco, da clausura colonial e subordinava-se aos padrões da moda européia exibindo-se nos salões e um pouco nas ruas. O comércio de modas estava em mãos de franceses e francesas; seu palco era a rua do Ouvidor. Desde antes, circulara sempre na Corte algum periódico desses modistas — na segunda metade do século, em início, esse jornal era o *Figaro Chroniqueur*. Não bastava isso, porém: “Como sempre acontece, surgiam jornais a cada passo, explorando as frivolidades das sinhazinhas e ioiôs. A monarquia criava uma espécie de nobreza onde se evidenciavam os grandes senhores territoriais e os magnatas dos dois partidos políticos. Condes e condessas, barões e baronesas, marqueses e marquesas, moços fidalgos, açafatas e retretas, damas do Paço e cortesãos formam as falanges de leitores de *Bom Tom*, *Jornal das Moças Solteiras*, *Correio das Damas*, *Jornal para Fazer Rir*, *Mosquito* e toda a literatura de cordel, que se vende nas arcadas do Teatro S. Pedro principalmente”⁽¹²⁷⁾. Machado de Assis vai acompanhar essa tendência, tornando-se colaborador constante, assíduo e sistemático do *Jornal das Famílias*, onde publicará os seus contos. “O jornal, como o nome indica, era dedicado às mulheres; entre figurinos, receitas de doces, moldes de trabalho e conselhos de beleza, para ocupar os ócios e a imaginação das senhoras elegantes, um pouco de literatura, quase sempre da lavra de Machado de Assis. E, a despeito do nome do autor, correspondia, certamente, à expectativa das leitoras: literatura amena, de pura fantasia, sem nenhum fundamento na realidade. Tudo se

(127) Elói Pontes: op. cit., pág. 17.